

**ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO**  
**DE**  
**SÃO GASPAR BERTONI**

**2**

**PADRE GASPAR, DIRETOR ESPIRITUAL**  
**PE. ROMOLO BERTONI, CSS**

**A DOENÇA COMO TEMPO DE GRAÇA**  
**PE. GIAMPIETRO DE PAOLI, CSS**

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

**Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS**

Edição Impressa: 1983

**Edição Eletrônica: Agosto de 2004**

## ÍNDICE

<b>Pe. Gaspar, Diretor Espiritual</b>	<b>24</b>
<b>I - Clima da Direção espiritual</b>	<b>24</b>
<b>1. Clima de fé</b>	<b>24</b>
<b>2. Clima de fraternidade</b>	<b>25</b>
<b>3. Clima promocional</b>	<b>27</b>
<b>4. Clima de desapego</b>	<b>27</b>
<b>5. Clima comunitário</b>	<b>28</b>
<b>II - Estilo da Direção espiritual</b>	<b>29</b>
<b>III - Conteúdos da Direção espiritual</b>	<b>31</b>
<b>IV - Quem é apto para exercer a direção espiritual</b>	<b>32</b>
<b>V - Conclusão</b>	<b>33</b>
<b>A doença como tempo de graça</b>	<b>34</b>
<b>I - Na “Escola de Deus”</b>	<b>34</b>
<b>II - As vicissitudes da doença de Pe. Gaspar</b>	<b>35</b>
<b>III - A doença no plano de Deus</b>	<b>36</b>
<b>IV - O restabelecimento, sinal do amor de Deus</b>	<b>40</b>
<b>V - O abandono em Deus na doença e a alegria de se confiar Nele</b>	<b>41</b>
<b>Notas</b>	<b>44</b>

## **PE. GASPAR, DIRETOR ESPIRITUAL**

PE. ROMOLO BERTONI, CSS

Temos a possibilidade de reconstruir a imagem de Pe. Gaspar como Diretor Espiritual. Agradecemos a Deus, mas também à Serva de Deus Madre Leopoldina Naudet e às suas primeiras companheiras pelo atencioso cuidado de conservar as cartas do Bem-aventurado. Somos devedores também ao Pe. Stofella que reuniu em um EPISTOLÁRIO a correspondência do Fundador, onde faltam infelizmente quase todas as cartas enviadas ao Pe. Bragato, destruídas pelo medo de represálias policiais na época da anexação de Veneza à Itália (1866).

Este estudo torna-se apenas um trabalho de índice analítico; tem não obstante o valor de ser totalmente extraído do Epistolário. Relevos e observações, portanto, nascem dentro e vivem nas páginas de Pe. Gaspar; um estudo mais amplo, ao invés de provar, teria desclassificado a capacidade do autor, que escreve tão somente porque se trata mais de um “estudo afetivo” que científico.

As perguntas que se pretendeu responder são fundamentalmente as seguintes:

- 1 - qual é o contexto, o clima, a atmosfera da direção espiritual?
- 2 - que característica revela esta direção?
- 3 - que conteúdo transmite?
- 4 - que pessoas são dignas de exercê-la?

Conforme as perguntas, dividiremos também o texto em quatro artigos fundamentais.

### **I - CLIMA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL**

#### **1. CLIMA DE FÉ(\*)**

(\*) O "GIORNALE DELL'ANIMA de Leopoldina Naudet é citado com G e o número da página entre parêntesis; o EPISTOLÁRIO DE PE. GASPAR só com o número da página.

Trata-se de uma ligação querida por Deus. É o Senhor que ordena a Leopoldina escolher "o apoio externo" de Pe. Gaspar para "estar melhor" com Ele (G 44). Por que justamente Pe. Gaspar? Porque segue o mesmo caminho do abandono; e porque para dirigí-la não há necessidade de ciência, mas de experiência espiritual; porque não prescreve ordens fortes, porque não faz interrogatórios (G 47); porque é a mediação límpida da vontade divina (G 71 e 55).

Pe. Gaspar corresponde às exigências espirituais de Leopoldina. Ela deseja um diretor que seja "tal que eu possa confiar-me na consciência do seu juízo, e ser ao mesmo tempo ajudada na alma" (164). Parece-me - escreve no Giornale dell'anima - que Ele (o Senhor) me dizia que para dirigir-me não há necessidade de

ciência; porque só uma coisa age em mim, isto é o Amor; este é o principal trabalho. Quer, pois, aqui ajuda a isto: o que só se pode tirar da própria Fonte, e não da ciência" (G 44).

Pe. Gaspar sente uma inspiração idêntica, e anota no seu Memorial Privado: "Não deves estudar muito para a direção de N.N. Mas procure estar em contato com a fonte da luz. Isto certamente te fará muito bem. Jamais te antecipes ao Senhor; pelo contrário, deves segui-lo, pois Ele te ilumina e te sugerirá, mediante tua súplica, os meios para progredires e corresponderes a Ele" (12 de Janeiro de 1811).

A direção espiritual que Leopoldina recebe com fé é uma experiência de abandono, que lhe servirá de corda de apoio na escalada da montanha santa. Confiará nele em tudo (G 55, 73, 76) mesmo para combinar coisas externas (G 50).

Somente Deus é o autor da nossa santificação, a única fonte de luz e de amor; se reúne espiritualmente duas pessoas, é para que estejam melhor com Ele, para que o conheçam e o amem mais.

Só Ele é o "Dono do Espírito" (G 44), escreve Leopoldina. "Ele distribui seus servos como, quando, onde quer, porque sua família é bem grande" - responde Pe. Gaspar - (244); "e como para servir Sua divina Majestade vim para São José, assim, e com a mesma vontade, para servi-Lo retiro-me" (27).

## 2. CLIMA DE FRATERNIDADE

Entre a casa de Pe. Gaspar e de Naudet não são somente cartas espirituais que fazem entrelaçamento: vão e vêm livros, esquemas, rascunhos, traduções, remédios, relíquias, paramentos sagrados, recibos, orações.

O envolvimento espiritual é claramente envolvimento operativo, afetivo, humano. "Sempre humilde e muito respeitoso - escreve Pe. Stofella de Pe. Gaspar neste relacionamento (19) - parece-nos que tenha traços de viva cordialidade, um acento mais que fraterno, parecendo mesmo um irmão menor..." Entre os dois a palavra afeto ou amizade nunca aparece (enquanto existe muito nas cartas com Pe. Bragato), mas se percebem todos os elementos. Hei-los:

**ATENÇÃO COM A SAÚDE.** As cartas de Pe. Gaspar parecem responder a um contínuo e preocupado: como vai? E informa sobre estado de saúde, operações, tratamentos, preocupações; agradece pelas gotas (231) e permite-se brincar com os santos que são invocados em seu auxílio: "com a minha pequena fé arrisco mesmo aos Santos de fazerem má figura" (196). '

**A GRATIDÃO.** "Sou muito grato e reconhecido pela liberdade com que Vossa Senhoria me fala, pela caridosa solicitude que tem por minhas coisas..." (194). Agradece também as atenções corteses... (165).

A ZELOSA SOLICITUDE. "Logo que tiver concebido uma idéia, serei solícito em comunicá-la, porque me interessa" (171). "A pressa em responder... me fez esquecer uma obrigação minha..." (229). Quando puder ir, ouvirei com prazer as novas..." (204). Tem "grande cuidado" de manifestar as boas notícias (58); desagrada-lhe não poder ir pessoalmente (102), mas assegura: "No primeiro momento que puder, estarei em São José" (98).

O SACRIFÍCIO. "Não tenho mais tempo de respirar" (201), "tenho a cabeça que nem sempre é minha" (198), "o cérebro cansado não me sugere nada" (211), "as perguntas são difíceis; eu tenho pouca cabeça e esta pouca mal me governa" (178); de qualquer maneira procurarei, com o pouco de cabeça e de tempo que sobra, pensar a respeito" (241). "A cabeça é pequena e a vista ainda menor, depois das longas enfermidades; e muito pouco me ajudam para escrever" (221), mas ainda assim... vou "preparando doutíssimos tratados" (124). Ofereça com sacrifício e com alegria, como agrada a Deus.

A SERENIDADE. Podem-se encontrar também "tiradas de espírito" no Epistolário, como diz ao Pe. Bragatto, de ter em conta e, nossa natureza para cantar com ela os louvares de Deus, porque foi Ele que nos fez assim e não nós. (315), assim manifesta de si aquela pitada de bom humor que não prejudica. A palavra brincalhona jamais tira a profundidade dos pensamentos e das preocupações, mas, como se diz hoje, as alegra. Assim o sentimos sorrir quando declara: "Os anos estão muito adiante e a ciência muito atrás" (117), ou quando recomenda que a Sofia não seja muito devota de S. Firmo, mas que seja, firme na decisão de seguir o Senhor; ou quando fala do bom Pe. Farinati que, em relação ao sentido lingüístico, é uma autêntica calamidade (60) ou quando vê a Canossa (oh! coitada dela) como uma fortaleza que deve ser destruída com bombas. Depois com um "perdão pela brincadeira" (230) e com a certeza também a brincadeira pode estar a serviço de Deus.

LEALDADE. A uma Fundadora que, embora admitindo ser "maçante" ou importuna (237), não pode ficar bem perturbá-lo porque "não sabe agir em nada sem seu conselho" (167), Pe. Gaspar responde começando assim: "vejo um assunto muito espinhoso, e que precisa de tempo, oração, conselho e prudência" (169); ou então assim: "De ontem à tarde, até agora, pensando, não encontrei solução..." (181); ou dá esta resposta humanamente frustrante: "Não encontro razões para dar o meu parecer mais a uma que a outra das duas partes..." (119). A uma irmã que lhe repetia: "sem sua solução não sei resolver-me" (172) responde: "Também eu vejo escuridão de todo lado..." (159).

Ainda há mais. Outras vezes é o próprio Pe. Gaspar que pede conselho. Não se sabe se é sinal de humildade, de confiança, de afeto, ou tudo junto, mas se lê expressões assim: "Não quis dar um passo sem primeiro ter o seu conselho" (122), ou definitivamente: "a sua prudência poderá enxergar melhor que eu" (211).

Para um homem chamado "anjo do conselho" estas expressões são o elogio mais belo da sua seriedade e honestidade profissional.

DELICADEZA. As respostas habituais de Pe. Gaspar são: "eu faria" (55) ou "o meu plano seria"(176), ou "não saberia o que dizer" (186). Os imperativos aparecem somente quando se trata de certezas básicas do edifício espiritual: "Abandone-se tudo em Deus... repouse Nele... não dê lugar senão ao amor..." (73).

### 3. CLIMA PROMOCIONAL

Não se encontra um termo mais apropriado para exprimir esta particular atitude de Pe. Gaspar com que ele aprecia e encoraja a elaboração e o amadurecimento pessoal das convicções de fé e das decisões seguintes. Desde as primeiras cartas reconhece e admira na irmã espiritual os dons de Deus: "Eu reconheço muito a virtude e o espírito eminente que Deus lhe deu" (26). Não se contenta em apresentar soluções, mas propõe, mais sabiamente, quase que princípios, pistas para soluções, confiando à "prudência celeste" (que se aprende na escola de Deus a tarefa do discernimento (56-57). Aprecio as decisões tomadas (ótimo o modo que foi seguido..."(48); "o conselho, de fato, me parece justo"... (51), quando não encontra "coisa contrária ao Espírito do Senhor" (51).

### 4. CLIMA DE DESAPEGO

Uma outra característica que explica o modo discreto, propositivo, da direção espiritual do Bem-aventurado é o desapego, vivido aqui como serviço precário.

Eu não sou profeta - escreve - mas sou seu servo e do Senhor..." (40). Porisso... "não tema Vossa Senhoria causar distúrbio aos servidores, se a senhora dá-lhes, antes, alguma oportunidade para que possam servir o seu Patrão; e muito menos creia-se obrigada a dever agradecê-los, sendo eles muito bem pagos, por um Senhor tão grande e bom. Por isso proponha... antes, mande francamente..." (72-73).

Aquele que na direção espiritual se declara "servo" de Leopoldina, porém também servo de Deus, sempre atento à sua vontade, sempre pronto a deixar agir diretamente o Patrão, que é único livre. Deus é livre de comunicar-se com a alma por caminhos não comuns (75). Deus é livre de falar diretamente com a alma, e seu servo não pode senão aprovar. "Seja bendito o Senhor! Ele falou ao coração de Vossa Senhoria. Que poderá o servo senão repetir as palavras do seu Patrão? Que poderá senão procurar o cumprimento da vontade do seu Senhor?" (30).

Deus chega também onde seu servo não consegue: "Respondo o que sei, Deus saberá e fará o restante" (178).

Deus pode fazer correr o seu servo ainda que doente "se Ele quiser utilizar-se do seu trabalho" (46).

Deus é livre de distribuir seus servos na sua grande casa a seu bel prazer (244). É livre de se dar ou retirar este auxílio espiritual. Mas se um diretor espiritual é necessário "Deus o fará vir, ainda que devesse criá-lo para isto" (244).

Um dia, Pe. Gaspar ouvirá da parte de Deus um "basta" que o fará interromper bruscamente a direção e o seu auxílio e o dos seus ao Instituto nascente. Não se pode replicar: "Quando Ele diz "basta", o outro não pode dizer "ainda" (244).

Como humildemente entrou na vida de Madre Leopoldina, assim agora sente a partida, sempre obediente ao sinal de Sua divina Majestade. Certamente reconhece a dificuldade em que se encontrará a Irmã, mas prevê na fé também um precioso momento para crescer na confiança e no abandono. E repete: "confie em Deus; confie plenamente em Deus (185). O Senhor a conforte com sua graça e sua predileção" (186). "É-me necessário uma pessoa - insiste Leopoldina - à qual possa dizer: faço assim e assim, vai bem ou vai mal? (168). E a resposta ainda e um incitamento para confiar somente em Deus: "Deus, onde for necessário à salvação da sua alma e das almas que estão a seu cuidado, não quererá negar a luz da sabedoria ao seu ministro...".(185).

## 5. CLIMA COMUNITÁRIO

Os dois Institutos, dos Estigmatinos e das Irmãs da Sagrada Família, que surgiam ao mesmo tempo há cinqüenta metros de distância, e debaixo do mesmo Pai, não podiam senão sentir-se ligados por afinidade espiritual. Leiamos duas declarações esclarecedoras.

Leopoldina: "Parece-me que o Senhor ligou meu espírito à sua Obra e que nada pode tirar de mim o desvelo que tomei desde o início..." (163). Pe. Gaspar: "O amor à sua Obra - que por humildade quer chamar também minha - não diminuiu jamais, nem diminuirá, espero, ajudando-me a graça divina a amar as coisas do seu serviço" (166).

O relacionamento espiritual entre os Fundadores fluía espontaneamente nas duas comunidades, interessadas no mesmo ideal da glória de Deus e do serviço apostólico à Igreja. Sente-se, às vezes, toda a comunidade dos Estigmas envolvida no trabalho: Não escrevemos outra coisa, estamos parados, nos bastará..." (143; também Madre Leopoldina sente-se solidária com as companheiras nos sentimentos: "a sua caridade para conosco..." (147) confirma o intercâmbio de auxílios espirituais e concretos não só pessoais mas comunitários. Hoje dir-se-ia "socializar as amizades" ou seja tomar participantes dos nossos afetos também os Confrades; ontem, de qualquer maneira, já se praticava.

Como conclusão desta primeira parte podemos dizer que nos encontramos diante de dois personagens vivos que dão vida a um relacionamento dinâmico, talvez sofrido, talvez toldado por incompreensões, mas sempre amadurecendo. É um relacionamento no qual o dar e o receber não são definidos. Às vezes parece

que seja Pe. Gaspar que recebe mais benefícios espirituais que a Naudet. Pe. Gaspar tem "solicitude" (29), "disponibilidade" (27), empatia (39) e comunhão de atitudes (confiança, abandono...); as cartas lhe causam edificação (38), muita alegria (60) e auxílio espiritual (62). Ele tem plena confiança em Leopoldina; manifesta-lhe os sentimentos mais pessoais (37), confia-lhe as próprias trepidações (58) e desânimos (74); entrega-se à sua prudência (49) com plena simplicidade (37). Chama-se familiarmente "minha senhora" e, depois, aumentando a idade, "ilustríssima senhora". Nada falta para reconhecer neste relacionamento espiritual uma verdadeira e profunda amizade em Cristo, mesmo se o "meu caríssimo" for reservado somente ao Pe. Luiz (321).

## II - ESTILO DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

As cartas de direção espiritual revelam geralmente uma cadência, quase um ritmo mental que pode ser esquematizado assim:

- 1 - Evocação ao problema proposto ou doutrina a conceder;
- 2 - Referência bíblica como orientação decisiva;
- 3 - Exclamação espontânea, quase uma saudação à Palavra encontrada;
- 4 - Outros critérios de discernimento espiritual, como a vida dos santos, o comportamento da Igreja, as palavras e as decisões do Papa;
- 5 - Anormalmente, provas de razões e de experiências.

Esta estrutura lógica, construída inteiramente sobre as fontes da fé que são a Palavra e a Tradição, é notável em um tempo de experiências. "As experiências - escreve o fundador - são confrontadas com as divinas Escrituras" (81).

Analisemos cada um dos elementos deste cadinho bertoniano do qual os conselhos saem purificados e preciosos.

1 - O problema proposto é dos mais variados. O conselho que Madre Leopoldina espera é sobre a via mística ou sobre ortografia; sobre como dispensar uma companheira ou como receber as visitas de Sua divina Majestade. Enfim, a cada "não sei fazer sem o seu conselho" (167) de Leopoldina corresponde um "preocupo-me como de uma coisa minha" (171) de Pe. Gaspar.

2 - A Palavra é o ponto de vista de Deus sobre os problemas da vida. O conhecimento profundo do livro sagrado permitia a Pe. Gaspar raciocinar com mentalidade bíblica. Cada resposta, portanto, é construída com textos e conceitos bíblicos. Como bom escriba sábio, Pe. Gaspar tira do tesouro do seu coração coisas novas e coisas antigas. Não é necessário citar textos para dar razão a este húmus bíblico no qual se desenvolvem as sementes do conselho; abra-se qualquer página de direção espiritual, e se encontra imerso na Palavra de Deus.

Pe. Gaspar preocupa-se de que seja Deus quem fale, porque não quer jamais colocar nada de seu. Por isso lhe escapa nos escritos: "exorto-a, ou melhor, Deus a exorta pelas minhas palavras..." ou então "eis nestas palavras de São Paulo infinitamente mais do que eu não saberia dizer" (113). Às vezes faz vibrar a pena e o

coração: "A senhora não sente com quanta força o evangelho nos grita "procurar primeiro..." (86).

3 - É preciso dizer que o coração dos santos é uma fornalha sempre acesa. De fato, cada palavra, cada pensamento, cada ação que se atira lá dentro, inflama-se e se toma perfume para louvor da glória de Deus. Cada raciocínio de Pe. Gaspar - que bela observação! - tem sempre um êxito comemorativo, quase litúrgico, contemplativo: "Seja, pois, bendito o Senhor!" (31); "seja também bendito o Senhor!" (33); "seja também bendito o Senhor por todos os séculos" (123). Muitas exclamações são ainda dos textos bíblicos, quase em um turbilhão de glória no qual a Sabedoria louva a si mesmo. Fora, portanto, somente nossas palavras, fora as soluções somente humanas ou psicológicas, fora a nossa estulta sabedoria!

4. Não se encontram no Epistolário muitas referências à vida dos santos, exceção feita a São Pedro e Santo Inácio de Loyola. A forte piedade cristocêntrica de Leopoldina não permite ao diretor espiritual exprimir seus conhecimentos hagiográficos, sobretudo patrísticos, porque o alimento é dado segundo a necessidade.

Mais característico ao contrário é o apelo ao critério eclesial da verdade. A atenção à posição da Igreja esposa de Cristo, seja no campo místico (99), como operativo e prático (55), é garantia de tranquilidade de consciência. Eis uma declaração que tem o sabor de um solene ato de fé: "Dei aquele conselho que diante de Deus acreditei que devia dar, como o mais conveniente às normas da Igreja, e o mais útil aos interesses do Senhor; e se não o tivesse dado assim, não poderia julgar-me seguro em consciência" (195).

Na Igreja, orientadora é a palavra do Papa, "nosso pai e mestre" (100) "O que é agradável ao Vigário de Cristo, a quem dos fiéis poderá desagradar em algo, ou parecer menos justo e conveniente?" (287).

Que dizer de tantas "interpretações" dos documentos do Papa feitas no confessionário, no púlpito, nos livros? "Eu não condeno as sentenças de quem não conheço - talvez pudesse responder Pe. Gaspar - mas fico sempre com a verdade e simplicidade do Evangelho... e sempre aconselho isto aos outros" (269).

A Palavra de Deus, pois, na mão da Igreja, é o critério mais sólido para mostrar os caminhos e as perspectivas de Deus às almas: "o texto do Evangelho é claro, aberto...; eu prefiro isto a qualquer raciocínio, se a santa Igreja, ou claríssimos argumentos não demostrem que eu deva explicá-lo de outro modo..." (228).

5 - É necessário escutar também os conselhos da reta razão (100) e da experiência (93). E depois... fé em Deus e pé na tábua, como diz o provérbio brasileiro; ou "faça o que lhe ditar a sua prudência em cada caso e com liberdade, confiada na amorosa Providência de Deus" (156), como repete muitas vezes Pe. Gaspar.

Como conclusão desta segunda parte, parece-me dever dizer que o método de Pe. Gaspar na direção espiritual é o oferecimento de um auxílio espiritual que não substitui, mas confirma e eleva a obra de Deus na capacidade e nos carismas de cada um: "Vossa Senhora amadureça o que a mim parece simplesmente ser proposto..." (245).

Respeitador da relação única de Deus com a alma, Pe. Gaspar reconhece o próprio campo de intervenção, limitado a predispor e a confirmar o trabalho do Senhor: "O Senhor poderia iluminar-me; e por que não mais rapidamente a Vossa senhoria? Ao contrário iluminará a Vossa Senhora e também a mim; eu, para dispor Vossa Senhora, porventura muito de longe, e receber as luzes; e, recebidas, para assegurá-las confrontando-as com a prudência das divinas Escrituras, da Santa Igreja Católica, dos seus santos e doutores; Vossa Senhora, pois, para completar Nele, com Ele e por Ele aquilo que começou" (81).

### **III - CONTEÚDOS DA DIREÇÃO ESPIRITUAL**

Queremos apenas elencar alguns temas e acenos de vida espiritual, nos quais explicita-se o ensinamento de Pe. Gaspar. Dizer "de Pe. Gaspar" é ofendê-lo porque as doutrinas que ele transmite são da mais genuína fonte bíblica e eclesial, porisso não suas. É claro que o "específico" de um conselho não é tanto o princípio geral a ser enunciado, mas a aplicação em cada caso na sua circunstância. Pe. Gaspar está convencido da delicadeza desta tarefa prudencial, e a ensina também a Madre Leopoldina que está distilando as Constituições: "Calcule as forças da sua comunidade, e determine aquilo que melhor lhe parecer estar a serviço de Deus com estas pessoas, nestas circunstâncias, nestes tempos, nestes lugares, etc." (229).

Transcrevemos pois algumas proposições que parecem ser significativas, sem pretender exaurir a riqueza dos ensinamentos de Pe. Gaspar.

A SANTIDADE: O Senhor... "dê-nos a graça de cumprir não em parte, mas no todo a sua vontade, onde está a nossa santificação, e o que é útil para nossos irmãos, e para sua glória" (123).

A LEI: "Vê-se claro que a ele (Deus) interessa mais colocar em seu ânimo a regra viva, que é o seu Espírito, e gravar em seu coração a lei inteira ou constituições da sua caridade e do seu amor" (67).

OS DEFEITOS: "Repare Vossa Senhora que os nossos defeitos, imperfeições, faltas, que no tornam mais dignos de desprezo aos nossos olhos, por pouco que nos conheçamos, e aos olhos de Deus, que tudo vê, acontecem por um motivo, o mais eficaz ao coração de Deus, para que possa dar a graça, ou seja a misericórdia: porque estamos repletos de desprezo" (45-46).

O SEGUIMENTO: "O seguir Cristo Nosso Senhor é coisa além de compreensão, e vale tanto, que infinitas penas e longuíssimos trabalhos, não se podem comparar, com tão grande valor" (68).

O AMOR: "Vossa Senhoria não dê lugar senão ao amor, e se ofereça liberalmente ao amor, que quer dizer estar prontíssima a fazer o que sabe agradar a Deus, e não por temor, mas principalmente por amor. O amor não tem medo de coisa nenhuma... Abandone-se, pois, totalmente a Deus... não colocando limites, nem determinando objetos, nem tempos a Nosso Senhor" (73). "Seja bendito o amor de Nosso Senhor que é comunicado às almas por Ele redimidas, e justificadas por sua graça" (78).

A ORAÇÃO: "Quanto à oração... responde o mesmo Espírito Santo: rezai sem interrupção. Parece-me pois que a oração ajudará a oração". Portanto... "podemos também aqui na terra oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmos oferecem os bem-aventurados Espíritos e os Santos no céu diante de Deus... Assim o fizeram todos os servos de Deus exilados e peregrinos nesta terra. Com as mesmas forças e os mesmos auxílios que eles puderam, poderemos também nós. E já que isto agrada a Deus, e reverte-se para, sua glória, e Ele assim nos ordena, basta isso para que se possa fazer e para que se faça" (34).

A ESPERANÇA: Fixemo-nos neste tema, porque só uma forte dimensão escatológica "orienta" o auxílio espiritual; e o caminho torna-se peregrinação para a casa do Pai.

Pe. Gaspar não se limita a encorajar (37) nas tribulações, mas faz luzir o futuro arrastando... "até uma perfeita transformação de glória na vida feliz, à qual, por misericórdia do Senhor, cada dia percorremos, avizinhando com alegria do nosso coração" (38). De fato: "temos gravíssimo mandamento de esperar que a nossa miséria será transformada um dia em tanta glória, e seremos semelhantes a Ele. Seja bendito, agradecido, amado para sempre" (54). Porisso "ajudai - para que possamos louvá-lo e servi-lo dia e noite, habitando juntos na sua casa por toda a eternidade" (325).

Envergonha-nos apresentar somente estes poucos acenos da riqueza de um mestre de espírito de calibre de Pe. Gaspar. Mas não era esta a principal intenção do presente estudo.

#### **IV - QUEM É APTO PARA EXERCER A DIREÇÃO ESPIRITUAL**

Juntemos, ainda que sumariamente, também os elementos que se refiram à imagem que Pe. Gaspar tem de um confessor e diretor espiritual.

Pe. Farinatti era um tipo muito delicado de consciência, e criava problema com seu modo escrupuloso de confessar. Pe. Gaspar mostra-se para com ele de uma coragem e de uma força inusitada: "Falem (às suas penitentes) que eu darei a razão, e nada mais. E se acaso Vossa Senhoria o achar bom, acrescentarei o restante: que será fazer-lhes conhecer a inutilidade, a vaidade, a mortificação destas memórias e destas perguntas que eu não sei de haver feito em quatro anos. Que venham, que vão, ele não deve esperar vez por vez senão ouvir e julgar as que

se apresentam" (47). Não quer caçadores de almas, nem investigadores de consciência, mas servos disponíveis, e basta.

Como diretor espiritual da comunidade devem ser: "todas pessoas moderadas, incapazes de criar confusões, cismas ou mexericos" (206).

Julga oportuno como confessor Pe. Mazza, porque "homem de muito talento e de muita caridade"(206); Pe. Fornaroli, porque é "homem pausado, corajoso, prudente" (206); Pe. Strabui porque "tem muita paciência e caridade" (206); Pe. Marchi, porque é "boa pessoa e de sã doutrina" (206) .

Como pregador de exercícios aprova a escolha de um sacerdote porque, além de corajoso, julga-o um homem de Deus (139).

Parece evidente, lendo globalmente estes acenos, que para Pe. Gaspar não é suficiente um diretor que seja corajoso, mas deverá também ser bom. Parece também que, se tivesse que escolher, escolheria o bom.

## **V - CONCLUSÃO**

Creemos haver fornecido, sobretudo aos Confrades que se dedicam ao trabalho de formação espiritual permanente dos Sacerdotes e das Religiosas, um útil termo de comparação para avaliar a própria missão. Transformadas quase em slogans, as sugestões que nos vêm de Pe. Gaspar, diretor espiritual, podem ser estas:

- mais que pai, seja irmão espiritual;
- mais que mestre, seja discípulo do único Mestre;
- mais que definidor; seja procurador da vontade do Pai;
- mais que valente, seja homem de Deus;
- não se torne patrão, mas servo das consciências;
- não uni-las a você, mas a Deus;
- antes aprende o Livro, depois os livros;
- sirva como, onde e até quando Deus quiser;
- respeite a liberdade de Deus e a iniciativa da pessoa;
- alegre-se quando se tornar inútil;
- viva aquilo que fala;
- não pretenda saber tudo;
- não preceda, mas siga o Senhor.
- Amém! Amém!

## A DOENÇA COMO TEMPO DE GRAÇA

PE. GIAMPIETRO DE PAOLI, CSS

### I - NA "ESCOLA DE DEUS"

É uma expressão que parece familiar a Pe. Gaspar, retorna continuamente nos seus escritos, se nem sempre se refere a doença ou a provação, percebe-se que estes são os momentos privilegiados.

Reze Vossa Senhoria, por caridade, para que eu tire fruto da escola que o Senhor se digna apresentar-me, de tal modo que eu me disponha a servi-Lo" (1).

"Eis a escola, eis o Mestre" (2) escreve ainda. A dois professores do seminário que vão visitá-lo Pe. Gaspar assim se expressa; "Eis-me aqui na escola" (3). Ao Pe. Bragato, Pe. Gaspar escreve, referindo-se ao início das aulas nos Estigmas; "Recomeçamos nossas aulas... O Senhor que já está fora das aulas, mantenha-se na escola de Deus: 'todos serão ensinados por Deus' (Jo 6, 45); 'Feliz o homem a quem tu ensinas, Senhor, e os instruis na tua lei' (Sl 42, 12)" (4). Não se trata só de doença; de fato a imagem volta muitas vezes também na meditação sobre o I Livro dos Reis: "A escola através da qual Deus ensina são as vidas dos Santos, as SS. Escrituras e as luzes da oração" (5).

O sofrimento, porém, em particular, é a escola de Deus; este um pensamento capital no espírito de Pe. Gaspar (6), um tema que se fundamenta na teologia do Espírito Santo e nas ações dos seus dons em nós, dons de inteligência, de ciência, de sabedoria... (7); um tema particularmente iluminado na espiritualidade bertoniana, caracterizado pelo confiante abandono à ação de Deus.

"Rezemos ao Senhor para que aumente em nós sua luz, para que conheçamos mais a nossa miséria, atinjamo-la até o fundo, mesmo até o abismo. Então ocorrerá que um abismo chamará outro abismo e a profundidade corresponderá à altura daquele edifício que Nosso Senhor projetou... E por isto o fez cavar antes mais profundamente, a fim de que Vossa Senhoria conheça a razão da ação divina e não se perturbe, nem se maravilhe como daquilo que não se vê, ou se desespere de ver a razão, ou seja, a causa. Eis justificada a sabedoria de Deus até às nossas pequenas mentes" (8).

A pedagogia de Deus se mostra sem descanso em nossos confrontos; saber seguir estes pensamentos é o desejo e a oração de sempre.

"Quando, portanto, é noite para nós, é dia para Aquele que conhece o que deve ser feito. E nós devemos elevar as mãos para o céu, quando não sabemos onde colocá-las, e nem o que é melhor pedir a Deus. 'Durante as horas da noite levantai as mãos para o santuário (Sl 133, 3). Este é o latim que Deus ensina a todos na sua escola. 'A noite vos é transparente como o dia' (Sl 138, 12). Eis um outro latim que o nosso bom Pai nos explicou desde o princípio, tirando a luz das

trevas, e que Ele queira, por sua bondade, clarear ao redor, tornando a escuridão, em que deixa nossos trabalhos, no esplendor admirável da sua glória. 'Espere no Senhor - portanto - e faze o bem' (Sl 36, 3)" (9).

## II - AS VICISSITUDES DA DOENÇA DE PE. GASPAR

Os motivos de sofrimentos e de alegria que marcam as etapas da vida de Pe. Gaspar, são, como para todos, os mais variados. A atenção aqui está voltada unicamente para um aspecto de sua vida: a doença. Trata-se de um componente decisivo no amadurecimento de sua personalidade, no seu caminho de santidade.

É útil lembrar, mesmo rapidamente, as vicissitudes da doença de Pe. Gaspar para se tirar relevantes ensinamentos.

O início foi em 1812, quando Pe. Gaspar tinha 35 anos. Foi atingido por um ataque de "febre miliar"; a falta de repouso, as fadigas, o trabalho intenso talvez tivessem debilitado seu físico, tornando-o bastante vulnerável. A "febre miliar" era causada por um germe desconhecido; muitas vezes no século passado manifestou-se de forma violenta, com caráter epidêmico. Os sintomas eram febre alta, sensação de angústia precordial, constrição epigástrica, profunda sudorese...

As condições de Pe. Gaspar atingido pela febre no outono de 1812 logo se tornaram graves; no domingo 25 de outubro fez seu testamento. À sua cabeceira, entre outros, vieram o Pe. Fortis, que tanto influíra na formação espiritual de Pe. Gaspar, e o seu confessor o Arcipreste Galvani, que muito contribuiria para o desenvolvimento da obra bertoniana. Mas estávamos muito longe do fim! Ao passar de algumas semanas o doente se recuperou; à Naudet, que, como tantos, havia rezado fervorosamente, escreveu: "O Senhor recompense Vossa Senhoria pela caridade de tantas orações feitas e mandadas fazer" (10).

Uma convalescença no verão seguinte em Colognola, nos mostra que o mal não estava definitivamente superado; manifestar-se-á ainda, em altos e baixos: "Eu vou me recuperando pouco a pouco" (11), será uma notícia freqüente, como freqüentes as recaídas.

Uma intensa atividade marca a vida de Pe. Gaspar nos anos imediatamente seguintes, sinal que o restabelecimento era, ao menos temporariamente, bom. Nas não se devia iludir. Em maio de 1819 Pe. Gaspar estava novamente doente, e grave. Alguém já começava a ver ali as "brincadeiras da Providência"; a Bem-aventurada Canossa escrevia: "Não duvido que esteja para restabelecer-se", e tinha realmente razão. O susto renovou-se ainda em dezembro de 1821; mas ainda desta vez restabeleceu-se. Sua saúde, porém, estava destinada a permanecer precária para sempre.

Em 1824 houve uma reviravolta nas vicissitudes da doença de Pe. Gaspar. Na perna direita formou-se um tumorzinho que foi se desenvolvendo progressivamente até o joelho. Logo depois dos primeiros cuidados médicos,

começaram as intervenções cirúrgicas; foram numerosas e dolorosíssimas. Permaneceu "debaixo de ferros e facas" (12), como escreve o próprio Pe. Gaspar, até 1827; pode recomeçar por períodos, a celebrar a santa Missa. "recuperava um pouco, mas os cirurgiões sempre tiveram seu trabalho. Justamente no início de 1.828 aconteceu uma milagrosa melhora, depois de uma crise que fizera temer o pior, e por muitos anos Pe. Gaspar pode retomar suas atividades; o mal deu-lhe descanso por catorze anos. Podia dizer-se aliviado, mas era sempre um doente crônico. A vista fraca e a perna insegura limitavam sua mobilidade, e o temor de novos ataques (como no inverno de 1833) jamais foi superado.

O último período da doença de Pe. Gaspar começa em 1842, estava com 65 anos; os 11 anos que lhe restavam foram todos testemunhas do seu sofrimento causado pelo diminuir dos companheiros que o haviam seguido aos Estigmas: "Ó amorosíssima, se bem que ocultíssima, Providência de Deus! Quem terá medo vivendo em suas mãos e sob sua proteção? (Sl 90, 1)..." (13).

Quando se aproximou o fim Pe. Gaspar já estava consumido pela doença; os últimos 30 meses viveu em um estado que causava dó, segundo Pe. Lenotti, quase imobilizado. "Sobre o leito das suas inumeráveis dores aprendia as últimas lições, as mais sublimes. O desejo de progredir nesta escola de purificação agigantava-se sempre mais. Quando um confrade lhe sussurrou ao ouvido se precisava de alguma coisa, respondeu: "Preciso sofrer"(14).

### **III - A DOENÇA NO PLANO DE DEUS**

Pe. Gaspar vive a doença na perspectiva da fé, em uma luz religiosa, no seu significado de salvação. Existem causas e remédios, mas estes são vistos só como realidade secundárias em respeito ao cumprimento da vontade de salvação de Deus, mesmo através das situações da doença.

A Bíblia chega a dizer que é Deus que fere (Ex 4, 6); (Jó 16, 12 ss...); que permite a doença (Ex 12, 23; Jó, 2, 7).

Não se preocupa em distinguir entre doença e sofrimento, À compreensão da doença parte da condição do doente, que se sente, sim, na ambigüidade da culpa que está na origem do sofrimento, mas que se sente, especialmente nas mãos de Deus.

"Felizes os que esperam nesta Divina Providência. Esses não temerão nada que obstacule ou se interponha aos seus desígnios. Ela vai suave e fortemente ao mesmo tempo dispondo cada coisa ao fim previsto; e todas as coisas, boas e adversas, e as vontades boas e perversas dos homens, igualmente lhe servem. 'Faz tudo que lhe apraz, no céu e na terra' (Sl 134, 6). 'Ninguém pode, Senhor resistir à vossa vontade' (Est 13, 9); e 'todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus' (Rm 8, 28). Se eu não tivesse tantos pecados que me devem fazer tremer, eu teria mais do que nunca a melhor satisfação, enquanto, não fazendo quase mais nada, fico vendo o que faz o Senhor. Oh! quanto Ele é bom! E como

supera todo o nosso louvor" (15). A contemplação da ação de Deus é fonte de ulterior alegria.

"Peço encarecidamente, escreve à Naudet durante a convalescença em Colognola ai Colli depois de uma nova crise da doença, usar a mesma caridade para minha pobre alma, que está doente por tantos defeitos, muito mais do que estava o corpo, a fim de que possa servir a Deus Nosso Senhor, e à sua Igreja como Ele me ordena" (16). Pe. Gaspar vê imediatamente, com simplicidade e confiança, a mão de Deus nas vicissitudes da sua doença: "O Senhor me mantém na cama e debaixo de ferros e facas. Seja bendito! 'Bendirei o Senhor em todo o tempo' (Sl '30, 2). Tanto quanto for servido e isto me basta" (17). "As pernas não vão bem; e a direita, ferida, incha um pouco, com uma certa dorzinha muda, que eu jamais quero ouvir. "Mas faça-se, porém, a tua vontade!". (18). "O Senhor tirou-me de uma vez, esta manhã, Missa e Ofício, porque começou a purgar o tumorzinho do joelho. Veremos o que Ele quer"(19).

Também o Pe. Marani está doente e nas mãos dos médicos e a atitude de Pe. Gaspar é sempre apresentada à Naudet "Às orações de Vossa Senhoria ilustríssima recomendo também Pe. João, que a Deus agrada mantê-lo com suas dores"(20).

Entre os frutos da doença o Senhor faz amadurecer a caridade dos sãos: "É preciso, pois, dizer que o Senhor mortifica e depois vivifica, quando depois de haver flagelado aquele que bem o merece, suscita a caridade de outros como intermediários, para que ele use sua mão onipotente para curar as feridas feitas pelas suas próprias mãos" (21).

O Evangelho não suprime doença, chama de "feliz" o sofrimento. Jesus cura os enfermos como sinal da presença da graça salvífica do Senhor, motivo de alegre reconhecimento. Como todo sofrimento, a doença permite a participação no sofrimento redentor de Cristo (cf 2Cor 4, 10 ss, e 7, 4; 8, 2...). Neste enfoque Pe. Gaspar pode escrever: "Peço-lhe muito que me recomende ao Senhor; diria também para agradecê-lo, porque verdadeiramente a visita dos seus flagelos são enormes favores" 22).

"Alegro-me do grandíssimo dom que o Senhor lhe fez, de agradecer nas tribulações porque a paciência efetua sua obra perfeita (Tg 1, 4), e o ânimo agradecido mesmo nos males atrai sobre os homens, grandes bens, não havendo coisa que mais honre a Deus" (23).

Pe. Gaspar, chega, com S. Paulo, a "ficar cheio de consolação" pelo fruto copioso que o Senhor extrai das "nossas angústias e tribulações" (24).

A enfermidade pode assim se tornar ocasião de graça, instrumento de redenção: "Eu devo agradecer muito a caridade de Vossa Senhoria ilustríssima pelas orações feitas e mandadas fazer pela minha saúde. E embora o Senhor não as tenha ouvido inteiramente, pelos seus altos fins - daí eu devo dizer: 'Faça-se a

tua vontade' - não obstante estou certo, pela grande confiança que sinto, na força da oração e da bondade divina, que foi prevenido um perigo maior" (25). "Tudo o que Deus faz é sempre o melhor. Ó mãos sapientíssimas, quanto mais trabalham ocultamente. Confiemos sempre nele que jamais seremos confundidos. Quanto às coisas que o Senhor a fez conhecer na oração referente ao sofrimento, eu lhe comunico simplesmente meu pensamento. Quando eu estava muito mal, e, depois, quando vieram as outras proibições, parecia-me que o Senhor se servia de mim, como para uma jogada de sua amorosa Providência, com que exercitar Vossa Senhoria, o que então, e também agora, deixa-me contentíssimo, jamais podendo tomar parte no desprazer de Vossa Senhoria, pelo motivo do prazer que me parece revertia a Vossa Senhoria mesma.... Coragem, coragem! Esta é a melhor porção que Deus reserva aos seus mais queridos, e não é bocado para todos" (26).

É esta certeza da mão oculta da amorosa Providência que ilumina os acontecimentos, que faz motivos de salvação, que faz até mesmo gozar da cruz: "Agradeço-lhe - escreve ao seu caríssimo Pe. Bragato - que melhor bem poderia desejar fios seus verdadeiros amigos, senão as cruzes? A mim certamente não poderia agradar mais com outra coisa: não que eu tenha força de virtude para levá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las..." (27).

Mesmo se não "é bocado para todos", a doença, como toda provação, pode tornar-se para quem vive à luz do sofrimento de Cristo, sinal de eleição, até mesmo dom. A cruz é companheira de vida do discípulo, que com Cristo "carrega a cruz" (Mt 10, 38), "bebe o cálice" (Mc 10, 38). Não é que a doença por si mesma configure o Cristo; ela ressoa sempre como consequência do pecado: "Castigai Senhor, castigai que tendes razão, castigar que eu mereço e mereço muito mais" (28). Mas Cristo associa a si os sofredores e os doentes que vivem sua situação com amor, unindo-se a si no ofertório.

Incorporado ao sofrimento e à morte de Cristo o doente vai ao encontro do Ressuscitado de cuja glória é chamado a participar. A doença mostra também a fraqueza e a precariedade da situação humana; se for bem compreendida ajuda a abandonar todo o presunçoso sentimento de auto-suficiência para confiar plenamente em Cristo, que extrai um fruto copioso das nossas angústias e tribulações.

Talvez seja útil conhecer o que o Pe. Nicolau Galvani escreveu atrás de uma carta, em 1801, a respeito da doença. Sua qualidade de diretor espiritual de Pe. Gaspar lhe deu um certo meio de transmitir estas ascendências ao seu filho espiritual.

"A fé ensina que as doenças são justas penas dos pecados, e muitas vezes um efeito da misericórdia.

Se Adão não tivesse pecado não haveria doença alguma. São efeitos da divina misericórdia: 'O Senhor castiga aquele a quem ama, e pune o filho a quem estima' (Prov 3, 12).

As doenças são ocasiões, que nos oferece a misericórdia de Deus para expiar muitíssimas faltas que cometemos, e não conhecemos, e não nos penitenciamos. Não se agradece a Deus pela saúde; não é usada, ao menos toda, para cuidar da obra da nossa salvação; perde-se tempo; cumprem-se as obrigações com negligência; nos esquecemos de Deus. Destas e de outras faltas, que penitência se faz? Quem se preocupa de expiá-las?...

Porque (Deus) nô-la manda? 1. Para que com muito menos espiemos aqui tantas faltas, por nós não reparadas, para cuja expiação seria necessário muito mais no outro mundo. 2. Para que paremos de fazer os pecados que faríamos, se estivéssemos sempre sãos. 3. Para que estejamos certos, que fazemos a vontade de Deus, sem intromissão da nossa vontade, de nosso interesse, de nossa satisfação. 4. Para que sejamos semelhantes a Jesus mortificado, crucificado, paciente, morto em obediência à vontade do Pai.

Nas doenças devemos:

1 - Aceitá-las com todas as suas conseqüências com perfeita submissão: "recebemos o que merecemos" (Lc 23, 41).

2 - Com sincero reconhecimento e gratidão para com Deus, que nô-las envia por um ato de sua misericórdia.

3 - Não devemos pensar muito em nossos males; mas, muito mais no que Deus, que é médico das nossas almas quer de nós.

4 - Devemos pensar na morte e nas suas conseqüências. Se estamos (ocupados) sempre em pensar na morte quanto mais, etc.

5 - Pedir a salvação com reta oração, sem muita ânsia.

6 - Devemos na convalescença (não julgarmo-nos dispensados de toda lei, de todo dever.

Os primeiros passos devemos dirigi-los à igreja para agradecer, etc., e não sermos semelhantes aos leprosos, etc." (29).

No momento em que Pe. Gaspar se achava doente pela primeira vez, Pe. Galvani estava presente com sugestões que talvez ecoassem estas notas, como também estava presente o Pe. Luiz Fortis que lhe sugeria "recebe Senhor, pelas mãos de S. Inácio, tosa minha liberdade, etc." (30).

Para compreensão do significado da doença são úteis também alguns testemunhos das Constituições escritas por Pe. Gaspar já no final da sua vida. Tanto ele nada exigia para si, escusava-se até dos incômodos que causava e pedia que não se incomodassem com ele, quanto queria que houvesse de delicadeza materna na caridade para cada enfermo.

Referindo-se a S. Bento, do qual copia a Regra no c. 36, quer que "o cuidado com os enfermos (esteja) antes e acima de tudo" (Constituição 236), de modo que (e

é ainda uma referência patrística, entre as muitíssimas, das Constituições Bertonianas, também sobre este argumento) "não sinta o desejo das comodidades da cidade nem os afetos maternos" (Const. 240).

Neste cuidado com os enfermos existe modo de exercitar a grande gama de obras de misericórdia, através das quais os confrades se auxiliam mutuamente (cf a Const. 234, que traz um texto de S. Basílio).

A doença é lugar de santificação e de graça para quem a vive unindo o próprio sofrimento ao sofrimento de Cristo, no abandono confiante à divina vontade, mas é ao mesmo tempo ocasião e motivo de santificação para o exercício da caridade dos que cuidam do doente.

Só debaixo da luz do sentido que a doença tem na história da salvação, nesta força santificante que pode brotar do mal que aflige o homem marcado pelo pecado e por suas conseqüências, pode-se entender expressões que à primeira vista parecem ao menos exageradas: "Tenho necessidade de sofrer" (31), ou: "Batei, Senhor, batei, que tendes razão e eu mereço muito mais ainda" (32).

Também Pe. Gaspar sentiu e, dolorosamente, a doença, até quase desesperar-se pelas dores, como ele mesmo diz, se a graça divina não o sustentasse: "Jesus, Maria! Ó Deus - exclamava - não posso mais" (38). A doença vem como "uma mina secreta de graça" ainda que possamos molhar o rosto de lágrimas, é considerada por Pe. Gaspar "escola de Deus" na qual progrediu de modo admirável e heróico.

#### **IV - O RESTABELECIMENTO, SINAL DO AMOR DE DEUS**

O restabelecimento da doença é um desejo instintivo; a luta contra a doença um esforço necessário. A saúde recuperada faz parte do mundo da graça, como realidade e como sinal de salvação. Pe. Gaspar sentiu a preciosidade do sofrimento, mas também desejou e gozou a cura; rezou e fez rezar para ficar melhor, à luz do estribilho que sempre acompanha as notícias boas ou más: "Faça-se a tua vontade". Como, por graça do Senhor, a doença não o abate, assim a cura não o exalta. Há sempre um certo desprendimento; o que conta é a vontade divina .

"O Senhor a recompense pela Novena. Era necessária. O Senhor quer multiplicar os milagres parecendo que nada fez. E no entanto 'muitos dizem muitas coisas', eu não digo nada e deixo que haja quem sabe agir. Basta que, 'quer vivamos, quer morramos', pertencemos ao Senhor (Rm 14, 8)" 34).

"Parece que a perna vai bem. Vejo que os cirurgiões estão satisfeitos. Mas já há necessidade do Senhor e dos merecimentos de seus servos, porque outras vezes as belas esperanças se desvaneceram" (35).

Muitas vezes durante os períodos da doença agradece Leopoldina Naudet pelas orações "feitas fazer", pela intercessão do "santo príncipe" (o príncipe sacerdote, e depois bispo Alexandre de Hohenlohe, 1794 -1868): "Agradeço muito a

sua caridade pelas linhas e pelas ataduras, que espero nas orações do santo príncipe, deverão bastar, se também o Senhor se digna somente abençoar o curso natural dos remédios" (36).

"Aproveito esta ocasião para agradecê-la da receita para o meu reumatismo, que parece amenizar um pouco, e de recomendar-me um muito às suas orações" (37). "Recomende-me ao Senhor, porque a perna não vai bem, e amanhã, creio me farão um belo corte" (38). "O Senhor me ajuda a tempo, contra meus merecimentos, com as orações dos fiéis. A coisa não havia começado bem; mas Ele me quer ferido, não morto. Assim eu posso servi-Lo e não abusar das suas graças, a fazer a penitência que me é necessária" (39).

O fruto destas orações se nota também, quando o mal não tem remédio, na capacidade de suportar, que consegue. Pe. Gaspar, quase gracejando diz, escrevendo à Naudet, enquanto lhe dá notícias de que o mal se agravou: "A minha pequena fé faz os santos fazerem triste figura; embora eu não posso negar que as orações do santo príncipe me ajudaram muito, vencendo os obstáculos de minha parte" (40).

Uma voz inspirada, registrada no 'Memorial Privado' de 18 de maio de 1811, teve uma profunda repercussão na vida de Pe. Gaspar a paciência e a fortaleza são provadas no saber sofrer: "Importa escolher um caminho espiritual mais estreito e de penitência. Eu poderei esquecer os seus pecados, mas lhe mostrarei o quanto será preciso sofrer por causa do meu nome".

## **V - O ABANDONO EM DEUS NA DOENÇA E A ALEGRIA DE SE CONFIAR NELE**

O Epistolário de Pe. Gaspar, mesmo quando trate de outro argumento, aparece sempre impregnado por um espírito de absoluto abandono. É o tema de diversos trechos também do Memorial Privado; mas o que no Memorial poderia talvez soar como doutrina e propósito da vontade, no Epistolário é testemunho e heróica experiência cristã. Aqui interessa ressaltar o abandono à vontade divina nas vicissitudes da doença, vicissitudes que têm uma grande parte na santidade de Pe. Gaspar. O espírito de santo abandono impele a uma vida interior empenhada no exercício das virtudes teologais.

"Quanto a mim, parece-me, no Senhor, estar disposto a IR, onde Ele me disse: VÁ, como a Vir, onde Ele me disse: VEM. Parece-me que o Senhor queria que esta lição fosse bem repetida aos meus ouvidos quando, estando eu gravemente enfermo nos dias passados, fazia-me toda tarde, pela boca do meu antigo mestre Pe. Fortis, dizer aquela, tão excelente oração que eu seguia com o coração: 'Recebe, Senhor, pelas mãos de S. Inácio, toda minha liberdade, etc.'" (41).

Este abandono é uma das bases do ensinamento espiritual de Pe. Gaspar expresso no memorial Privado (18-05-1811) e em uma carta à Naudet, com palavras que ecoam e resumem S. Inácio: "Pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus neles realizaria, se Ele não encontrasse obstáculo a seus desígnios" (42).

"Estou vendo o que o Senhor faz... Oh quanto Ele é bom" (43). "O Senhor fará o que compete a Ele, e o fará daquilo que Ele é" (44).

"Eu vejo certas brincadeiras da Divina Providência que me deixam totalmente passado" (45). "Vai bem assim, porque assim Deus quer", escreve à Naudet (46). É convicção de Pe. Gaspar desde o início de seus males: "Estou de novo debaixo da obediência, antes, da observação cuidadosa, quanto à saúde, do médico e de Mons. Vigário, e me agrada não manifestar mais nenhum cuidado por S. José. O Senhor que solícito a isto... apressará também os momentos em que este miserável servo seu possa correr, se Ele quiser valer-se do seu trabalho. Quem terá maior solicitude, se o Senhor a tem tanta?"(47). Depois de haver enumerado as ordens do médico quanto ao trabalho, conclui: "Mas a vontade do Senhor é sempre melhor e mais útil. E porisso seja louvada e bendita agora e para sempre" (48).

No sermão A VERDADEIRA ALEGRIA (21-03-1804), falando da felicidade de quem se abandona em Deus, depois de haver indicado algumas graves provações que não podem desencorajar, acrescenta: "Mas caiu doente? Pois bem: ouça ainda o Sábio que o admoesta dizendo (Eclo 2, 4-5): Na doença e na pobreza confia em Deus. 'Pois no fogo se purifica o ouro, e, os homens agradáveis a Deus, no cadinho da humilhação...' E conclui seu arrazoado com um convite que pressupõe um salto de qualidade, na fé: "Ajustemos bem nossa vida, e jamais nos faltará uma sólida, estável alegria, que as adversidades do século jamais nos poderão tirar nem diminuir" (49).

"Para quem ama tudo é fácil, tudo é suave", diz no sermão sobre A LEI EVANGÉLICA (05-06-1803). É a alegria do Espírito que caracteriza aqueles que estão no Reino (cf Rm 14, 17)" (50).

"Ir ao encontro das coisas segundo o que o Senhor dispõe com a sua Providência" (51) é fruto da confiança colocada em Deus, que faz dizer ainda: 'Quem terá, maior solicitude, se o Senhor a tem tanta?' 'Não vos inquieteis com nada; apresentai a Deus as vossas preocupações" (cf Fil 4, 6)... Ó grande Deus! Quando será que vos amaremos com todo nosso coração, e vos conheceremos, e vos teremos por aquilo que sois?" (52)

É a "beatitude" que Pe. Gaspar descreve em uma carta ao Pe. Bragato: "Felizes os que fecham os olhos para sua visão; daí a sapientíssima mão de Deus toma a nossa para nos dirigir e governar" (53). A alegria espiritual fruto da confiança em Deus transparece em particular na correspondência com Pe. Bragato. Pe. Gaspar "Manifesta-se na posse plena da tranqüilidade imperturbável que é fruto da prática do Santo Abandono em tudo e por tudo no beneplácito do senhor. Disposições semelhantes aparecem também na sua Comunidade dos Estigmas, com a paz e a alegria difundida pelas múltiplas atividades mesmo nas tribulações e nas cruces" (54). "O Senhor é meu pastor, nada me faltará... (S1 22, 1). Deixai-vos em tudo e por tudo, como sábia, dócil e humilde ovelha, reger, guiar, apascentar por Ele" (55).

O abandono que encontra seu fundamento na esperança, é motivo de serena alegria... "Basta que 'quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao senhor' (Rm 14, 8)" (56).

Nada separará do amor de Deus (Rm 8, 38) o discípulo que sabe em quem colocou sua confiança: "amemos, pois a Deus e prestemos-lhe aquele serviço que podemos, assim como a cada um Ele nos fez, e segundo o espírito e a graça que Ele nos deu. E o nosso bom Deus ficará satisfeito. Seria então vergonhoso se nós não estivéssemos satisfeitos!... 'Servi ao senhor com alegria; diz Davi, entrai exultantes em sua presença sabeis que o Senhor é Deus: Ele nos fez e não nós a Ele' (si 99, 2 s)" (57). Na provação se "enche de consolação" em razão do "fruto copioso, ao menos no que se refere à nossa fraqueza, que Deus tira e extrai das nossas angústias e tribulações" (58).

As provações e os sofrimentos são assim riquezas e graça: "A presente vida de servir a Deus e de padecer por Ele, se vê por experiência não haver outras atrações que empenhem nossos desejos" (59). "Não vale a pena viver - comenta Pe. Stofella - se não para servir a Deus e sofrer por Ele" (60). Está na mesma linha a anotação do Memorial ( 22-10-1808): "Alegria com agradecimentos nas adversidades... e disposição para maiores opróbrios e penas, se aparecerem, para glória de Deus. Esta atitude de espírito é grande graça de que me acho completamente indigno.

A provação, portanto, é "bênção", salvação. No dia 16 de março de 1809 Pe. Gaspar no seu Memorial faz uma anotação sobre o sentido da cruz, como glória, consolação ou desespero referindo-se à cruz de Cristo, do bom ladrão e do mau ladrão, mas no início da anotação apresenta resumida uma expressão, talvez de S. Bernardo, que na sua crua força muito revela da compreensão que ele tinha da provação: "Aqueles que não se emendam nem com castigos, Deus os condenará eternamente" (61).

Notas :

- 01 - À serva de Deus Leopoldina Naudet, 01-06-1814 - (Epistolário Bertoni, preparado pelo Pe. José Stofella, Verona 1954, p. 109).
- 02 - À Naudet, 26-01-1813 (Ep. Bertoni), p. 56).
- 03 - G. Giacobbe, Vita del Bertoni, Verona 1858, na Posit s. virtutibus, summ. Add., p. 426.
- 04 - Ep. Bertoni, p. 326.
- 05 - Medit. 26, MS 5994.
- 06 - Cf Pe. Stofella in Ep. Bertoni, p. 109 nota 8.
- 07 - Cf. N. Dalle Vedove, Un modello di S. Abandono, Verona 1951, p. 241
- 08 - À Naudet, junho de 1814 (Ep. Bertoni, p. 115).
- 09 - À Naudet, 22-05-1829 (Ep. Bertoni, pp. 256 s. ).
- 10 - À Naudet, 16,II,1812 (Ep. Bertoni, p. 24).
- 11 - À Naudet, 01-06-1814 (Ep. Bertoni., p, 109).
- 12 - À Naudet, 11-05-1827 (Ep. Bertoni, p. 209).
- 13 - Ao Pe. Luiz Bragato, nov, 1842 (Ep. Bertoni, p. 326).
- 14 - Summ Add., p. 301; Dalle Vedove, o.c., p. 245.
- 15 - À Naudet, 15-01-1813 (Ep. Bertoni, p. 54).
- 16 - À Naudet 24-08-1813 ( " p. 93).
- 17 - À Naudet, 11-05-1828 ( " p. 209).
- 18 - À Naudet, 09-03-1828 ( " p. 225).
- 19 - À Naudet, 18-03-1828 ( " p. 226).
- 20 - À Naudet, 29-06-1828 ( " p. 251).
- 21 - À Naudet, 07-04-1828 ( " p. 230).
- 22 - À Naudet, 29-06-1831 ( " p. 279).
- 23 - À Naudet, 30-12-1831 ( " p. 284).
- 24 - À Naudet, 30-04-1828 ( " p. 236).
- 25 - À Naudet, 19-03-1828 ( " p. 227).
- 26 - À Naudet, 14-12-1812 ( " p. 38).
- 27 - Ao Pe. Bragato, 29- 01-1840 (Ep. Bertoni., p. 318).
- 28 - Miscelânea Lenotti in summ Add., p. 144.
- 29 - Citação de N. Dalle Vedove, Vita e Pensiero del Beato G. Bertoni... Vol. II, pp. 411 s., do Arq. Geral Estigmatino, b. 23.
- 30 - Cf. Ep. Bertoni, p. 29: carta à Naudet, 26-11-1812.
- 31 - Summ. Add. , p. 301.
- 32 - Summ. Add. , p. 144.
- 33 - Cf. N. Dalle Vedove, Beato G. Bertoni, Roma 1975, P. 295.
- 34 - À Naudet, abril de 1828 (Ep. Bertoni, p. 229).
- 35 - À Naudet, abril de 1828 (Ep. Bertoni, p. 234).
- 36 - À Naudet, 20-07-1827 (Ep. Bertoni, p. 215; cf. também a p. 261, carta de 30-08-1829).
- 37 - À Naudet, 02-03-1831 (Ep. Bertoni, p. 274).
- 38 - À Naudet, 29-05-1825 (Ep. Bertoni, p, l80).
- 39 - À Naudet, maio de 1826 (Epist. Bertoni, p, 197).
- 40 - À Naudet, maio de l826 (Epist. Bertoni, p. 196).
- 41 - À Naudet, 26-11-1812 (Ep. Bertoni, p. 29).

- 42 - À Naudet, fevereiro de 1813 (Ep. Bertoni, p. 6l; cf também a note 2 de Pe. Stofella, que cita Bartoli como fonte de Pe. Gaspar, Vita di Sant' Ignazio, L. IV, c. 37).
- 43 - À Naudet, 15-01-1813 (Ep. Bertoni, p. 54)
- 44 - À Naudet, 28-08-1828 (Ep. Bertoni, p. 243).
- 45 - À Naudet, abril de 1829 (Ep. Bertoni., p. 234).
- 46 - À Naudet, sem data (Ep. Bertoni, p. 223).
- 47 - À Naudet, dezembro de 1812 (Ep. Bertoni, p. 46).
- 48 - À Naudet, 13-01-1813 (Ep. Bertoni, p. 52).
- 49 - Pagina di vita cristiana, Vicenza 1947, pp. 21e 23.
- 50 - Pagina di vita cristiana, p. 31.
- 51 - Medit. 32 sul I libro dei Re, citação em, Dalle Vedove, Un modelo di santo abbandono, p. 199.
- 52 - À Naudet, sem data (Ep. Bertoni, pp. 46, 3).
- 53 - Ao Pe. Bragato, 37-08-1840 (Ep. Bertoni, p. 322).
- 54 - G. Stofella., (Ep. Bertoni, p. 306).
- 55 - Ao Pe. Bragato, 29-05-1840 (Ep. Bertoni, pp. 319 s.).
- 56 - À Naudet, abril de 1828 (Ep. Bertoni, p. 229).
- 57 - Ao Pe. Bragato, 01-12-1837 (Ep. Bertoni, p. 315).
- 58 - À Naudet, 30-04-1828 (Ep. Bertoni, 140).
- 59 - À Naudet, 24-08-1813 (Ep. Bertoni, p. 93).
- 60 - Idem, nota 7.
- 61 - Cf, o comentário do Pe. G, Stofella em Collectanea Stigmatina, vol. IV, fasc. I, pp. 134 ss.